

TRABALHO E MODO DE VIDA: O caso de trabalhadores de novas áreas industriais

*Izabel Cristina Ferreira Borsoi**

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir alguns aspectos do modo de vida de trabalhadores fabris tendo em vista sua inserção em fábricas instaladas em região sem tradição industrial. A discussão é fundamentada num conjunto de entrevistas com trabalhadores e ex-trabalhadores de cinco fábricas localizadas em um município no interior do Ceará. Os trabalhadores vêm construindo um novo modo de organizar a vida fora do trabalho tanto em função do que têm aprendido quanto do que lhes têm sido exigido nas dependências das fábricas onde trabalham. Entre outros aspectos, as mudanças têm atingido hábitos, valores e relações familiares e afetivas.

Palavras-chave:

ABSTRACT

The purpose of this work is to discuss some aspects of the way of life of the fabriles workers, considering their insertion in factories established in areas without any industrial tradition. Their discussion is based on some interviews with workers and ex-workers from five factories localized in a small town in the countryside of the Ceará state. The workers have been building a new way of organizing their lives outside the factory environment taking into consideration what they have learned and what it has been demanded from them in the factories they work at. Among other aspects, the changes have modified their familiar and affective relationships, habits and values.

Keywords:

1 INTRODUÇÃO

O tema que me proponho a discutir integra minha tese de doutoramento, intitulada *O modo de vida dos novos operários: quando purgatório se torna paraíso*¹ na qual trato dos impactos que o processo de industrialização provoca no modo de vida de trabalhadores que não tem história de trabalho fabril anterior. Dentre as questões que abordei, pretendo destacar aqui alguns aspectos da experiência desses trabalhadores no que diz respeito ao redimensionamento de hábitos, de relacionamentos familiares e afetivos, de representações etc. em razão da inserção em fábricas instaladas em região sem tradição industrial.

* Mestre em Psicologia Social (PUC-SP), Doutora em Sociologia (UFC-CE), Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará.

¹ Esta tese deu origem ao livro *O modo de vida dos novos operários: quando purgatório se torna paraíso*. Fortaleza: Editora da UFC, n/p.

O cenário é um município chamado Horizonte, localizado a 40 quilômetros de Fortaleza-CE, classificado como um dos menores do estado e também como uma das maiores referências no que diz respeito à produção industrial. Seu crescimento é resultado da política de incentivos do Governo do Estado na busca de atrair capital industrial, principalmente, para o interior do Ceará.

O município tem uma outra peculiaridade: de acordo com o Censo Demográfico de 2000, ele foi o que mais cresceu no Brasil do ponto de vista populacional durante a década de 1990. Só para se ter uma idéia, em 1991 havia um total de 18.283 habitantes e destes 10.786 mil pessoas concentravam-se no meio rural; em 2000 a população saltou para 33.790 mil e passou a ter 28.122 habitantes somente no meio urbano.

Um aspecto importante é que, apesar do rápido crescimento populacional e também do intenso processo de industrialização, que registra, por exemplo, 24 indústrias subsidiadas em atividade em 2000, a região mantém sua face marcadamente rural. Essas características fazem do município uma “região nova” típica, ou seja, uma região que não tem história industrial, não dispõe de base sindical desenvolvida e, além disto, conta com uma força de trabalho abundante.

Aqui é importante uma ressalva sobre o que compreendo como modo de vida. Neste caso, não me refiro apenas à forma como os trabalhadores conduzem seu cotidiano depois do trabalho, mas à experiência que aborda a vida do trabalhador, seja no trabalho, seja fora dele. Isto porque parto do princípio de que o modo de trabalhar tem relação intrínseca com o que ocorre na vida das pessoas depois de uma jornada de trabalho. Neste sentido, o trabalho é tomado como elemento fortemente constituidor, ou, no mínimo, organizador da nossa vida social, familiar e psíquica. Um exemplo disto está na forma como estabelecemos o tempo para trabalho, sono e lazer. Dificilmente deixamos de trabalhar durante um período do dia porque precisamos nos divertir ou simplesmente dormir. Ao contrário, tendemos a abrir mão de horas necessárias de sono porque para realizarmos uma tarefa que julgamos importante.

O tema a ser discutido tem como base um conjunto de entrevistas com trabalhadores e ex-trabalhadores de cinco fábricas de médio e grande porte que se constituem as principais referências de trabalho num município cearense chamado Horizonte. Esta é uma região que cresceu e se desenvolveu a partir de fábricas que vieram, principalmente, do Sul e do Sudeste, atraídas pela política de incentivos fiscais do Governo do Estado e também por conta da mão-de-obra abundante e de baixo custo.

2 OS TRABALHADORES, AS FÁBRICAS E O NOVO MODO DE VIVER

Esses trabalhadores tomam a entrada nas fábricas como um divisor de águas entre passado e presente. O trabalho anterior consistia, normalmente, em atividades no meio rural, no comércio, nas fábricas de beneficiamento de castanha, nas casas de farinha ou ainda no trabalho doméstico, no caso das mulheres. Estavam envolvidos em atividades quase sempre penosas, com jornadas pouco definidas, com salários incertos e muitas vezes irrisórios, sem direitos básicos como carteira profissional assinada, FGTS, previdência, acesso a determinados ganhos indiretos, a exemplo da cesta básica, assistência médica etc.

Por causa da precariedade do trabalho, as condições de vida, por decorrência, eram também extremamente precárias. Os trabalhadores falam de uma carência de quase tudo, desde a diversão proporcionada por um programa de TV até moradia e alimentação minimamente adequadas.

O trabalho nas fábricas, apesar de ser considerado, por eles, como “pesado”, “puxado” e até mesmo mal remunerado, ainda assim passa a ser visto como a razão de mudanças significativas no modo de vida. “A vida mudou muito”, “está muito melhor agora” são expressões freqüentes para designar essa nova situação. Normalmente quando falam das mudanças, referem quase sempre ao que conseguem adquirir como bens duráveis e como conforto, a exemplo da casa já construída ou em vias de ser adquirida, os eletrodomésticos e eletroeletrônicos antes inimagináveis, a garantia de alimentação durante todo o mês etc.

Entre as mudanças que relatam no novo modo de viver, há também um conjunto de aspectos em processo de transformação que, nem sempre, os próprios trabalhadores percebem de modo claro. Hábitos, valores, formas de relacionamento familiar e afetivo e representações do corpo e de si mesmos fazem parte de um processo de mudança importante decorrente da inserção nas fábricas.

Um dos aspectos que chama a atenção é a forma de reconfiguração das relações familiares, entre pais e filhos, e entre homens e mulheres. Entre as famílias dos trabalhadores, a figura tradicional do chefe de família, normalmente personificada no pai, começa a perder, gradativamente, parte de suas atribuições. Como as fábricas têm buscado uma força de trabalho predominantemente jovem, com idade entre 18 e 35 anos, acabam excluindo os mais velhos da alternativa de trabalho mais promissora do lugar. Não sem razão, a mãe de um operário afirma que geralmente as fábricas “só querem os jovens” e ressalta que “hoje têm muitos pais de família sem trabalho”. Por conta disto, os pais

acabam, muitas vezes, transferindo a responsabilidade do orçamento doméstico para os filhos operários. Deste modo, mesmo que o pai continue formalmente reconhecido como “o chefe”, são os filhos que, ao final, determinam *como* e *quanto* empregar os rendimentos da família. São eles que, por deterem maior poder aquisitivo, organizam o ambiente doméstico dotando-o de mais conforto. O lugar de autoridade dos pais continua garantido pela condição de progenitores e não mais pela de provedores.

Parece ocorrer aqui algo similar ao que Bourdieu (1979, p. 70) detecta entre os cabilas, onde se opera uma espécie de divisão espontânea de poderes na qual o jovem trabalhador, que se vê também na condição de chefe da família, “tende a tomar decisões que dizem respeito à vida econômica da família e ao conjunto das relações com o mundo econômico moderno ao qual ele está objetivamente melhor adaptado, muitas vezes por ser mais instruído”.

Se, por um lado, a posição de “chefe de família” é posta em questão, por outro, aspectos relacionados a papéis sociais de gênero tendem também a tomar outros rumos, acentuando o impacto do trabalho fabril no ordenamento familiar. No que diz respeito às mulheres, suas atribuições aumentam e o comportamento, segundo algumas, até “mudou para melhor”. Sair da rotina doméstica, compartilhar experiências de trabalho com outras pessoas em situação semelhante, submeter-se a tarefas rigidamente supervisionadas, gerir o próprio dinheiro são aspectos apontados como responsáveis para se perceberem diferentes. Para elas, a experiência do trabalho fabril força um processo de desinibição, de maior independência nas ações. E não só, modula inclusive comportamentos que consideravam agressivos ou mesmo o que algumas referem como “chatos”.

O novo trabalho oferece suporte para que a mulher busque “ser dona do mundo”, para adotar aqui a fala de um operário, na medida em que se tornam mais independentes. Tendem a mudar a aparência, investirem na estética corporal, no modo de vestir etc. Esta maior independência motiva, inclusive, comentários jocosos em torno do comportamento de muitas mulheres. As histórias de sedução e traição são freqüentes, principalmente no caso de trabalhadoras da fábrica de calçado e, em alguma medida, também da fábrica de confecções, provavelmente por causa do maior contingente feminino. Separações entre casais operários da mesma fábrica são referências constantes; mulheres que deixam de trabalhar por se saberem traídas pelas próprias colegas ou, na linguagem corrente, “levaram chifre”, também são relatos comuns; mulheres que se separam por terem elas próprias relacionamentos amorosos com colegas de trabalho também não é raro; e há aquelas que temem que seus companheiros sejam vítimas de assédio.

Em relação a estas transformações, homens e mulheres tendem a se dividir: entre os primeiros, alguns tendem a vê-las como positivas; entre as mulheres, entretanto, há

em geral certa desconfiança. Mas, ao final, quase todos não se furtam a qualificar parte das mulheres, pelas histórias de sedução e traição, como “galinhas”, “atiradas”, “piranhas”, “oferecidas”, isto é, facilmente seduzíveis sexualmente por qualquer homem, seja ele casado ou não.

Assim, frente à hegemonia da cultura masculina, no momento de julgar o comportamento de homens e mulheres no jogo de sedução, os trabalhadores tendem sempre a atribuir às mulheres a causa de tudo: elas assediam ou se deixam assediar; os homens estariam no seu lugar natural quando assediam. Caberia às mulheres evitarem seduzir e serem seduzidas.

Um outro aspecto digno de nota nesse processo é a transformação de hábitos alimentares, o que vai desde *o que* comer até ao *como* comer. É opinião de quase todos os trabalhadores que o refeitório das fábricas não é o lugar mais indicado para uma alimentação saborosa. O que é servido, embora considerado bastante variado, normalmente desagrada ao paladar. “Comida ruim”, “enjoenta”, “sem gosto”, “sem qualidade”, “mal feita” são referências bastante comuns. Sempre o que comem em casa é considerado mais saboroso, apesar da menor variedade. A maioria justifica que a comida da fábrica “é feita pra muita gente”, razão porque “não tem gosto”. Há inclusive quem diga que “eles rebolam² a comida de qualquer jeito na panela”. Em casa, ao contrário, como “é pouca gente, a comida é sempre mais bem feita”. Curiosamente, nem tudo na fábrica é ruim. A feijoada, a carne assada ou frita, por exemplo, são sempre elogiadas pelo sabor. Diante disto, precisamos buscar o sentido para a “comida boa” e a “comida ruim” em outro lugar que não passe, necessariamente, pela noção de *boa* ou *má* qualidade do que é servido.

A julgar pelo que dizem os trabalhadores, a alimentação costuma ser planejada por nutricionistas e, geralmente, não respeita os hábitos regionais. Os trabalhadores apreciam os legumes sempre cozidos, o “frango torrado”³, o feijão-de-corda e os pratos típicos como buchada, “sarrabulho”⁴ e baião-de-dois⁵. A alimentação que as empresas servem está mais de acordo com o que nutricionistas julgam necessário e adequado ao equilíbrio do corpo. Vale à pena aqui mencionar uma frase de um operário que deixa claro o desagrado e também a descrença na qualidade nutricional da comida: “misturaram lá um bagaço, um picado de tomate com umas folha verde pra peão comer”. Aqui é clara a alusão a uma alimentação pouco energética, insuficiente para satisfazer um indivíduo que precisa se haver com uma jornada intensa de trabalho.

² A expressão rebolar no Ceará é utilizada, coloquialmente, também no sentido de atirar algo fora ou em algum lugar.

³ Frango é frito em óleo até ficar bastante dourado, quase torrado mesmo.

⁴ Comida regional à base de fígado e sangue de carneiro.

⁵ Aqui o arroz é cozido dentro do feijão-de-corda já temperado.

Não só o que se come, mas também a maneira de se comportar durante uma refeição é também alvo de comentários bastante interessantes. Os trabalhadores relatam que, em geral, lidar com talheres nas primeiras vezes dentro do refeitório das fábricas é motivo de constrangimento. Isto porque eles comumente desconhecem a forma correta de empunhar garfo e faca, pois os hábitos que tem envolvem o uso da colher ou mesmo das mãos. Aprender a equilibrar algo sobre o garfo é, para alguns, tarefa tão difícil quanto manusear a máquina de trabalho na primeira vez. A vergonha de não consegui-lo pode ser até motivo para “quase morrer de fome”, como chegou a dizer uma trabalhadora.

Os novos hábitos não devem, entretanto, permanecer restritos apenas ao espaço da fábrica. Para isto é preciso criar condições para que possam ser extensos ao ambiente doméstico. Neste sentido, uma das fábricas, por sinal a de maior contingente de trabalhadores, chama a atenção na medida em que sempre brindavam os trabalhadores em datas festivas com faqueiros, aparelhos de jantar, jogos de mesa e banho, ou seja, ofereciam aos trabalhadores utensílios importantes para o reforçamento das chamadas “boas maneiras”, já praticadas nas suas dependências.

O que se observa, entretanto, é que alguns dos novos hábitos não são adotados de imediato em casa, a exemplo do modo de comer à mesa, pois o trabalhador sente-se isolado em meio ao grupo que continua com os velhos hábitos. Eles ainda se dividem entre duas situações de referência muito distintas. E é preciso, então, manter a adequação ao grupo de referência mais imediato. Assim, por enquanto, duas posturas ainda se impõem: na empresa, é preciso o uso de garfo e faca por vergonha dos colegas diante dos quais se julga necessário ostentar certa polidez; em casa, a colher se mantém, pois é “esquisito” fugir ao padrão familiar, o que soaria até mesmo como forma de esnobismo.

Do que se pode notar, ainda é necessário que a racionalidade da fábrica deite suas raízes no cotidiano dos trabalhadores. O fato de afirmarem a positividade dos novos costumes adquiridos nas fábricas já são indicativos importantes no sentido de que é um processo em construção. Os próprios trabalhadores afirmam que o que aprendem, de certo modo, já os prepara para situações também fora do trabalho.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que podemos notar nesta rápida exposição é que os trabalhadores buscam mostrar que existem ganhos importantes, não só no que diz respeito à melhoria das condições de vida, mas também no que respeita às mudanças que estão ocorrendo nas condutas, nos valores, nos hábitos etc. E é preciso considerar que se trata de um impacto

significativo. Não sem razão, dizem que “a vida mudou muito” e “mudou para melhor”. Neste sentido, vale, inclusive, lembrar aqui uma afirmação de Hobsbawm (1982, 140), ao se referir à parca melhoria da situação de vida da classe trabalhadora durante o período que ele caracteriza como de “grande expansão do capitalismo”, entre 1848 e 1875. Escreve o autor: “Era um quadro de pessoas com algum respeito e segurança, cujas expectativas eram enormemente modestas, mas conscientes de que poderia ser bem pior, que se lembravam de tempos quando eram bem mais pobres [...]”.(HOBSBAWM,1982, 140).

Em que pese o reconhecimento de que há aspectos positivos percebidos pelos trabalhadores, é preciso considerar também que eles continuam sob condições rígidas de trabalho e condições precárias de vida, que o modo de vida só é percebido como positivo quando comparado ao que experimentavam antes.

Um outro aspecto importante a considerar é que não tem havido preocupação de instâncias governamentais, sejam elas estaduais ou municipais, em criar condições efetivas para que a região possa se tornar uma referência, de fato, de industrialização. No momento da pesquisa, a região contava com um sistema de saúde precário, não tinha saneamento básico e nem qualquer programa de controle de poluição do solo, água e do ar decorrente de resíduos industriais, não contava também com um sistema de formação educacional e de qualificação adequado para preparar trabalhadores para funções mais exigentes que pudessem ser oferecidas pelas fábricas.

Para finalizar, quero destacar que este quadro não é uma peculiaridade de uma ou outra região, como é o caso do Ceará. Ao contrário, é uma situação que vem ocorrendo sistematicamente por conta da necessidade cada vez maior de expansão do capital na busca sempre maior de lucratividade. O desafio aqui está, então, em encontrar formas de enfrentamento das conseqüências desse processo. No meu ponto de vista, um debate amplo sobre essas questões, considerando as percepções e as experiências dos próprios trabalhadores é um passo importante, mas é somente um ponto de partida.

REFERÊNCIAS

BORSOI, Izabel C. F. **O modo de vida dos novos operários**. Fortaleza: Editora da UFC, n/p.

BOURDIEU, Pierre. **O Desencantamento do Mundo**: estruturas econômicas e estruturas temporais. São Paulo: Perspectiva, 1979.

HOBSBAWM, Eric. **A Era do Capital**: 1848-1875. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.